



SALA DE AULA INVERTIDA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO

Alexander Ossanes de Souza¹

Ana Cristina Rodrigues da Silva²

RESUMO

Em março de 2020, é decretado pelo Ministério da Educação a substituição do ensino presencial por aulas em meios digitais, devido a pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2. Uma situação atípica, que os professores não estavam preparados para essa nova modalidade de ensino. Com isso, há um aumento na discussão das metodologias ativas e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Diante desse contexto, se faz necessário entender a experiência dos estudantes, professores em formação, de licenciatura, do Curso de Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados, Química e Biologia, do IFSul, nessa modalidade. Para isso, foi utilizado um instrumento de pesquisa na forma de questionário *online*, visando explorar os relatos sobre o ERE e sala de aula invertida. A pesquisa contou com 11 participantes, o que possibilitou avaliar a visão de alguns professores em formação sobre o ensino, suas estratégias para as adversidades encontradas e frustrações. É observado, a partir dos relatos dos professores em formação, que há necessidade de mais discussões sobre as atividades práticas, provocando uma maior reflexão docente, gerando uma maior segurança e autonomia nos estudantes de licenciatura.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias ativas, Sala de aula invertida, Ensino remoto, Pandemia

¹ Bacharel em Química Industrial (UFPEL), discente do Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados (IFSul). e-mail: alexander.souza@hotmail.com.

² Professora no IFSul (Campus Pelotas) no Curso de Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados. e-mail: anarodrigues@ifsul.edu.br

1. INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019 se iniciou a propagação do vírus SARS-COV-2 por todo mundo, causando a Covid-19, tendo seu surgimento na China. Com a declaração de uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde, OMS, a população se deparou com um novo modo de viver (Hossain et al., 2020; Moraes et al., 2020; Muralidar et al., 2020). Dentro desse contexto de pandemia, mesmo de forma tardia, ocorreu o cancelamento das aulas presenciais no Brasil, em março de 2020, se iniciando as aulas em meios digitais, autorizado pelo Ministério da Educação (MEC), em caráter de excepcionalidade, por meio da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Com isso, surge o Ensino Remoto Emergencial (ERE) nas instituições de ensino, sendo a forma de ensino que apresenta às atividades de ensino mediadas por tecnologias, seguindo os princípios da educação presencial, as aulas são ministradas no mesmo horário que os estudantes estariam presentes na instituição de ensino, além de respeitar o percentual de tempo previsto no normativo institucional e no plano pedagógico do curso.

Entretanto, acreditava-se que o vírus SARS-COV-2 seria controlado rapidamente e as atividades retornariam normalmente em pouco tempo, porém esse fato não ocorreu. Com isso surgiram várias dúvidas, como por exemplo, o que fazer com o ensino e com o processo de formação dos estudantes, entre outras perguntas que surgiram, mesmo depois de dois anos de pandemia, agravando a situação precária da educação no Brasil. Esse modo de ensino impactou diretamente no planejamento e na execução das atividades desenvolvidas pelos professores, tornando essencial repensar as práticas pedagógicas para adaptá-las ao ERE, fazendo uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) (Moraes et al., 2020; Santos, 2020).

O ERE instigou a troca do ensino tradicional, onde poderia colocar o estudante no centro do processo de aprendizagem, fazendo dele o protagonista. Como comparativo, o ERE apresenta métodos de ensino diferente do Ensino a Distância (EaD), já que essa modalidade apresenta às atividades de ensino mediadas por tecnologias, contudo, o EAD tem uma organização própria de ensino e aprendizagem, indo além dos momentos síncronos e assíncronos (Martins et al., 2019; Bueno et al., 2021). Nesse contexto, houve um aumento nas discussões sobre as TDIC, na qual proporciona aos estudantes meios

para que eles consigam guiar o seu desenvolvimento educacional. (Martins et al., 2019; Moraes et al., 2020; Bueno et al., 2021).

A partir do que foi exposto, visando o momento pandêmico e a preocupação com os futuros docentes, esse trabalho tem por objetivo discutir os relatos dos professores em formação sobre suas dificuldades e estratégias utilizadas nos momentos síncronos e assíncronos no ERE, utilizando a sala de aula invertida. Sendo assim, a pesquisa foi realizada com os estudantes do curso de Formação Pedagógica para Graduados Não Licenciados (FPGNL) do IFSul – Campus Pelotas e estudantes de Licenciatura em Química, Biologia e Física do IFSul – Campus CAVG.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quando se reflete sobre ser professor frequentemente se relaciona a conhecimento, ensinamento e educação, porém, é comum não ser considerado, que também é um processo contínuo que necessita do aprimoramento da prática pedagógica. Dessa forma, é importante que haja o constante aprendizado, estudo e adaptação. Esse pensamento surge quando a partir da preocupação com os interesses dos estudantes. Diante desse contexto, nos cursos formação de professores são discutidas as diferentes metodologias de ensino, para que haja uma reflexão sobre sua forma de ensinar e de inovações que podem ser implementadas, para que a troca de conhecimento professor/estudante e estudante/estudante seja mais eficiente. A partir disso, diversos questionamentos surgem ao longo dos anos de profissão, que são imprescindíveis para se alcançar os objetivos propostos na prática pedagógica. Entretanto, a pandemia fez com que uma adaptação brusca fosse necessária, surgindo o ERE, que foi implementado nas instituições de ensino, devido ao isolamento social, para que o ensino tivesse continuidade.

Esse novo contexto na educação apresentou uma nova visão de ensino para os docentes que utilizavam o ensino tradicional, sugerindo a troca de metodologia de ensino. Com isso, os professores encontraram muitas dificuldades, além de transformar suas casas em salas de aula, sendo necessário transmutar, criar e recriar novas formas de interação com os estudantes. Em meio a esse caos instaurado estão os professores em formação do curso FPGNL e Licenciaturas do Campus CAVG.

Os dados desta investigação foram coletados através de um instrumento de pesquisa, realizado de forma *online* com auxílio da ferramenta Formulários Google. O instrumento de pesquisa foi disponibilizado no mês de fevereiro de 2022, após a prática docente dos estagiários, no qual continha um questionário com 30 questões, dividido em questões dissertativas e objetivas.

Com isso, o presente trabalho investigou as potencialidades e desafios encontrados pelos professores em formação nesse momento pandêmico. Esse instrumento tem objetivo de fornecer informações sobre os professores em formação do curso FPGNL e de Licenciatura em Química, Biologia e Física, do IFSul – Campus Pelotas e Campus Visconde da Graça, que realizaram estágio de docência ou participaram do programa RP, com regência de turma durante o ano de 2021. Os estágio foram realizados no IFSul ou escolas do Estado do Rio Grande do Sul. Esse estudo possibilitará uma visão ampla sobre as dificuldades encontradas no ensino remoto, compreender como foram auxiliados para o desenvolvimento das atividades em sala de aula, quais as possibilidades de melhoria para os próximos anos do curso e do programa, além, é claro, de destacar a importância da adaptação dos professores em formação a esse momento tão adverso.

Para o professores em formação que atuaram nas escolas Estaduais do Rio Grande do Sul, foram ministradas aulas síncronas, uma vez por semana, e assíncronas, três aulas por semana, durante todo período letivo de 2021. No IFSul Campus Pelotas as aulas foram ministradas em 12 semanas, e no campus CAVG em blocos de 4 semanas, sendo ministradas aulas síncronas e assíncronas nesse período.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o surgimento de uma pandemia, causada pelo vírus SARS-COV-2, o sistema de educação enfrentou alguns desafios relacionados aos modelos de ensino (Hossain et al., 2020; Moraes et al., 2020; Muralidar et al., 2020). Dentre as medidas adotadas, foi implementado o ERE, que apresenta algumas características do EaD. Nesse novo contexto, é possível observar um aumento nas reflexões e discussões sobre as TDIC, que permite a conexão professor/estudante de diferentes formas, surgindo novos modos

de comunicação e sentimentos, devido as diferentes possibilidades de interação, criação e modos de aprender (Martins et al., 2019; Brasil, 2020; Bueno et al., 2021).

O uso das metodologias ativas, utilizando as TDIC, permitem a transformação do processo de ensino e aprendizagem, deixando o conteúdo mais dinâmico e contextualizado, devido a inter-relação entre educação, cultura, sociedade, política e escola, sendo o estudante o centro do processo, promovendo sua autonomia. Dentre as práticas de metodologias ativas, se destaca a problematização, sala de aula invertida, sala de aula compartilhada, aprendizagem por projetos, contextualização da aprendizagem, ensino híbrido, criação de jogos, entre outras (Bacich & Moran, 2017).

Essas metodologias de ensino tem por objetivo inserir o estudante como centro no processo de ensino e aprendizagem, tendo envolvimento direto, participativo e reflexivo. O professor, por sua vez, tem por função orientar esse estudante, guiando seus estudos (Moran 2018; Oliveira et al., 2021). A partir dessas metodologias, se observa o desenvolvimento individual, já que cada estudante tem a sua maneira de aprender e de observar o mundo; o desenvolvimento coletivo, ocorre quando o estudante dialoga com outras pessoas sobre determinado assunto, permitindo que ele processe a visão do outro indivíduo sobre esse tema; e o desenvolvimento tutorial, quando o estudante constrói seu conhecimento a partir da orientação de uma pessoa mais experiente. O desenvolvimento individual ou coletivo do conhecimento depende da iniciativa de cada pessoa ou do grupo, fazendo o processo de aprendizagem em diferentes espaços e tempo (Moran 2018; Novaes et al., 2021; Oliveira et al., 2021).

Quando é construído um processo de aprendizado direcionado para diferentes estudantes possibilita que eles façam suas escolhas, que se motivem a aprender, ampliando sua visão de mundo, para que possam ser livres e autônomos. Os estudantes, a partir de provocações, são motivados a buscar o conhecimento, podendo ele ser contextualizado, encontrando sentido no aprendizado. Para isso é necessário combinações de diferentes atividades dos temas abordados, permitindo ampliar os horizontes dos estudantes, possibilitando que eles encontrem soluções para os mais diversos problemas, além de alterar seus valores, atitudes e mentalidade (Freire, 1974). Para o progresso do ensino são necessários docentes capacitados a desenvolver

roteiros, problematizações, ampliação de cenários, questões contextualizadas. De encontro ao ensino tradicional, essa metodologia de ensino não requer que o professor fique o tempo todo com o estudante, já que ele pode resolver as dúvidas individualmente ou em grupo, além do auxílio do professor. (Bacich & Moran, 2018).

Quando se confronta a educação presencial com a educação remota é observado que ambas utilizam os mesmos materiais e formas de comunicação, que são previamente selecionados e elaborados, porém para extrair o melhor desses materiais é necessário aliar, de forma equilibrada, atividades, desafios e informação contextualizada. A partir dessa ideia podemos fazer uma inversão do modo de ensino, onde o estudante realiza pesquisas, projetos e produções para começar a compreender o tema pré-determinado. Esse pensamento de inversão da forma de abordagem do conteúdo é chamado de sala de aula invertida (Souza & Morales, 2015). Dentre as possibilidades de práticas pedagógicas, na organização dos espaços em sala de aula, e fora dela, os modelos flexíveis do processo de ensino e de aprendizagem, mais especificamente o modelo de sala de aula invertida, possibilitam a interação simultânea e momentos de compartilhamentos de saberes. Nesse modelo, o estudante tem contato com o conteúdo anterior ao momento de sala de aula, sendo utilizado o momento de sala de aula para elucidar as dúvidas, para a realização de debates, jogos, quizzes, estudos de casos e momentos de interação. O momento em sala de aula tem por objetivo ampliar o conhecimento pelo estudante, fazendo com que ele reflita sobre o mundo a partir da sua bagagem de vida (Martins et al., 2019; Moraes et al., 2020; Bueno et al., 2021).

Os estudantes são protagonistas nesse processo de ensino, o que possibilita diferentes ritmos, tempo e lugares de aprendizagem. Frente a esse 'novo' modo de ensino o estudante deve entender que o aprendizado depende dele, que ele tem capacidade de construção do conhecimento. O professor, pode ser entendido com um guia, que auxilia na contextualização do conhecimento, que serve pra auxiliar os estudantes nas dúvidas que surgem a partir do conteúdo previamente disponibilizado, além de mediar, analisar os processos, resultados, e necessidades dos estudantes (Martins et al., 2019; Moraes et al., 2020; Bueno et al., 2021).

Contudo, em meio a pandemia, os estudantes tiveram que se adaptar à nova forma de sala de aula, que ocorre através de plataformas digitais ou aplicativos, local onde os conteúdos e interação com os professores acontecem de forma virtual. O ensino remoto é composto por momentos síncronos e assíncronos, sendo o momento síncrono caracterizado como a interação entre professor/estudante e estudante/estudante, que ocorrem em tempo real em uma plataforma ou aplicativo, com data e horário pré-estabelecidos. Já o momento assíncrono é a parte do ensino que o professor disponibiliza o material e as atividades para os estudantes, assim eles podem realizar as atividades até que o prazo para essas se encerre (Martins et al., 2019; Moraes et al., 2020; Bueno et al., 2021). Essa situação trouxe reflexões sobre o ensino tradicional, que há muito tempo tem se discutido a sua substituição, pois é entendido como um ensino centrado no professor, que tem por função fornecer o conhecimento que será recebido pelo estudante. O ensino tradicional é engessado, não prioriza uma conversa e troca de informações entre professor e estudante, podendo gerar um grande número de evasões das escolas. Além disso, o estudante leva para casa tarefas que visam a fixação do conteúdo apresentado pelo professor (Martins et al., 2019; Bueno et al., 2021).

No contexto de pandemia e visando a preocupação dos futuros docentes, é importante a discussão das estratégias utilizadas nos momentos síncronos e assíncronos, uma vez que os professores e estudantes tentaram se ajustar a esse novo formato de ensino. Em meio a esse cenário complexo e adaptação das novas e antigas tecnologias, estão os professores em formação, que ainda não tem a vivência de sala de aula e enfrentaram diferentes formas de ensino. Diante disso, ficam os questionamentos sobre suas experiências frente as dificuldades e desafios encontrados nesse novo método de ensino utilizando a sala de aula invertida.

3. DESENVOLVIMENTO

Para a presente pesquisa foi disponibilizado um questionário, Anexo I, para as turmas do curso de FPGNL e Licenciaturas de Química, Biologia e Física, de forma eletrônica. O prazo de respostas foi de um mês, ao final desse período foram obtidos 11 participantes, enumerados de 1 a 11. A faixa etária dos participantes da pesquisa foi entre 26 a 51 anos.

O maior número de participantes da pesquisa foram os estudantes do curso de FPGNL, IFSul Campus Pelotas, correspondendo a 6 pessoas, o restante das pessoas foram estudantes do IFSul CAVG, que cursam ou cursaram licenciatura em Biologia, 3 pessoas, e Química, 2 pessoas. Nessa pesquisa não se obteve participantes de estudantes do curso de licenciatura em Física, conforme demonstrado na Figura 1. Essa pergunta (número 4, anexo I) possibilita avaliar as diferentes formações dos futuros docentes, uma vez que os cursos são ministrados em diferentes Campus do IFSul.

11 respostas

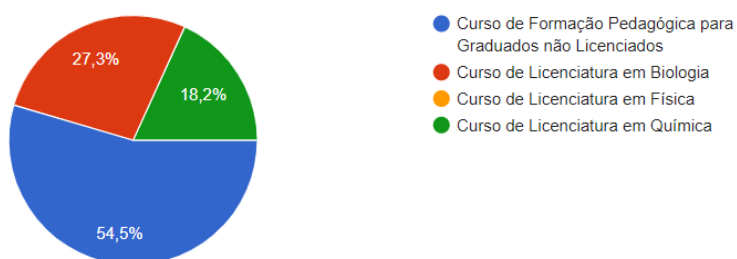


Figura 1: Gráfico da distribuição dos participantes em relação ao curso de licenciatura cursado

Dos participantes dessa pesquisa, menos da metade participou do programa RP, totalizando 6 participantes, conforme apresentado na Figura 2. Essas respostas, pergunta 6 do anexo I, possibilitam verificar as diferentes visões dos professores em formação, uma vez que o tempo de contato dos docentes, no RP, com a escola é maior que os professores que fizeram apenas estágio.

11 respostas

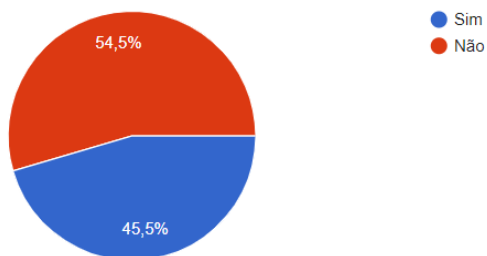


Figura 2: Gráfico da distribuição dos participantes em relação ao programa Residência Pedagógica

Outro questionamento foi feito: pergunta 7 - Você possui alguma pós-graduação?. A maior porcentagem dos participantes possuem especialização, com 36,4%, como

demonstrado na Figura 3. Os participantes poderiam marcar mais de uma resposta nessa pergunta. Essa informação é de grande importância, uma vez que os participantes podem ter diferentes visões de ensino, diante da titulação e da área de concentração.

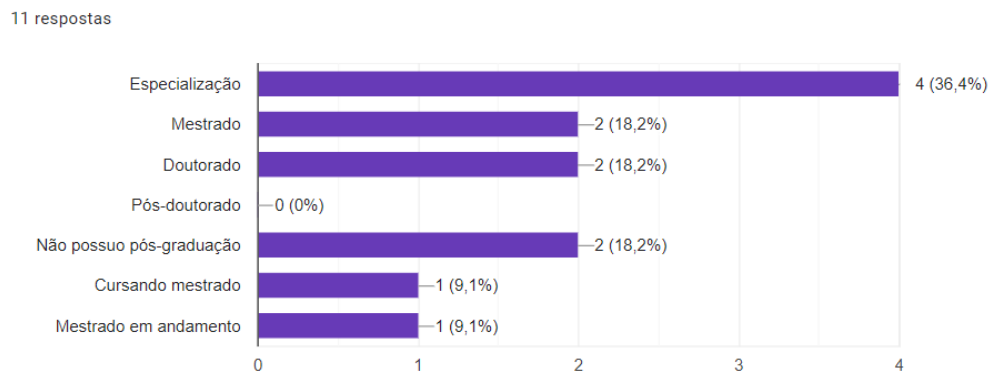


Figura 3: Gráfico de distribuição dos participantes sobre terem formação em pós-graduação

Mais da metade dos participantes da pesquisa, 6 pessoas, Figura 4, até o momento da pesquisa, responderam que já foram docentes, resultados obtidos a partir da seguinte pergunta: É sua primeira experiência docente?. Esse fato, mesmo com as aulas sendo ministradas de forma remota, auxilia os futuros docentes, uma vez que a experiência prévia em sala de aula, diminui um pouco o nervosismo, além disso o professor dispõe de estratégias para guiar a aula e resolver as adversidades que possam acontecer durante o período letivo, assim como demonstrado no estudo de Castro & Fleith, 2008. De acordo com as respostas, do questionamento 11 do Anexo I, 2 participantes foram estagiários em escolas públicas do estado, 1 em escola particular, 6 foram estagiários no IFSul campus CAVG, 2 no IFSul Campus Pelotas. As aulas ministradas se distribuíram entre o ensino fundamental, médio e técnico. Outro ponto a ser destacado, é que professores que desenvolveram sua docência em escola particular apresentam maior criatividade frente aos professores de escolas públicas (Castro & Fleith, 2008).

11 respostas

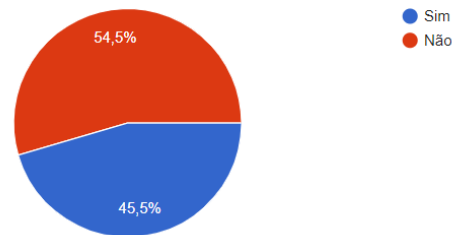


Figura 4: Gráfico de distribuição dos participantes se já foram docentes até o momento da pesquisa

Durante o período que as aulas foram ministradas, os professores em formação necessitaram utilizar diferentes tecnologias disponíveis, contudo, nem sempre tiveram disponibilidade de todos os recursos necessário (Costa et al., 2021). Sendo assim, os participantes foram questionados sobre qual equipamento tecnológico eles utilizaram na elaboração das aulas e atividades, pergunta 12 do Anexo I, em unanimidade a resposta foi o uso de computadores, Figura 5, porém alguns respostas foram complementadas, já que era possível marcar mais de uma opção, com isso alguns dos docentes em formação também fizeram uso de celulares.

11 respostas

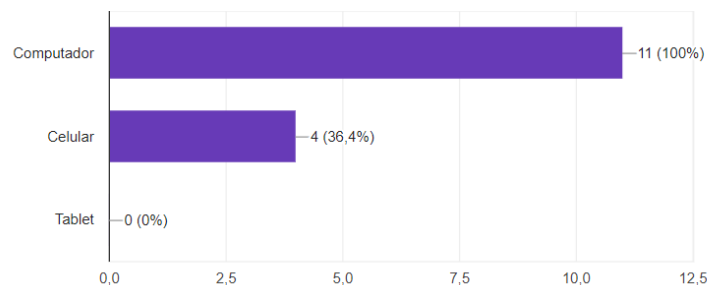


Figura 5: Gráfico de distribuição das tecnologias utilizadas pelos professores em formação

O tipo de equipamento tecnológico pode facilitar o desenvolvimento das atividades do professor em formação, uma vez que ele vai disponibilizar um determinado tempo

para realização dessas tarefas, o que influencia diretamente no conforto e bem estar. Em complemento a pergunta anterior, foi questionado: de que forma você disponibilizou o material para os estudantes, pergunta 13 do Anexo I. O material dos momento síncronos e assíncronos eram disponibilizados principalmente nas plataformas de ensino, Figura 6. Contudo, uma parte dos participantes disponibilizavam os recursos de outras formas, na tentativa que todos os estudantes tivessem acesso ao material. No momento pandêmico, o professor em formação, tentaram utilizar as melhores ferramentas para disponibilizar material para os estudantes, uma vez que as plataformas de ensino foram apresentadas aos estudantes de uma forma muito direta, sem um preparo, ensinamento ou cuidado.

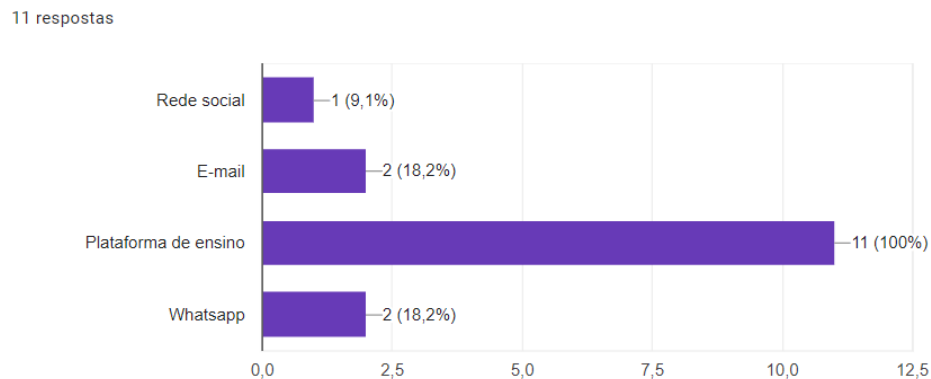


Figura 6: Gráfico de distribuição das formas utilizadas pelos professores em formação para a distribuição do material e atividades

As aulas síncronas foram transmitidas, preferencialmente, pelo Google Meet, conforme a seguinte pergunta: As aulas síncronas* são ministradas de que forma?, pergunta 14 do Anexo I. Entretanto, um dos participantes fez a transmissão da aula síncrona pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). A escolha do Google Meet como plataforma de *streaming* se deve ao fácil acesso, layout intuitivo e possibilidade de gravação das aulas. Como ponto positivo as instituições de ensino, através do e-mail

institucional, tinha tempo ilimitado para as vídeo chamadas. Além disso, o navegador Google Chrome permite a inserção de aplicativos que interagem diretamente com o Google Meet, que facilitando as aulas, uma vez essas ferramentas podem informar o número de estudantes na chamada, permitir a divisão de tela, entre outras interações. Os demais sistemas de streaming necessitam de aplicativos ou de recursos para transmitir as vídeo chamadas, não muito intuitivos, ou tem tempo limitado de uso (Nascimento, 2021; Soares, 2021).

A partir das aulas remotas no momento síncrono e o material disponibilizado no momento assíncrono, frente a todas as adversidades do ERE, os participantes foram questionados com a seguinte pergunta: Como docente, o que você acha da qualidade do ensino no modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE) implementado pelo MEC?, tendo uma escala iniciando em muito ruim e terminando em muito bom. Como resposta foi observado que 5 participantes acreditam que o ensino foi ruim dentro da forma que foi estruturado, e 3 participantes acreditam o ensino foi regular, restante dos participantes afirmaram que ensino foi bom, conforme expresso na Figura 7.

11 respostas

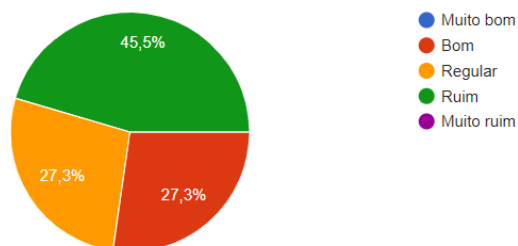


Figura 7: Gráfico da opinião dos participantes sobre a qualidade do ERE

Para complementar a resposta anterior os participantes expuseram a sua opinião sobre a qualidade do ERE, a partir das respostas é possível observar a visão de cada

professor em formação para essa modalidade de ensino. Sendo que uma grande parte dos relatos abordam a questão de estrutura para uma aula adequada, como, por exemplo, falta de tecnologia apropriada, internet, local adequado de estudo (Costa et al., 2021; Nascimento, 2021; Soares, 2021). A escolha do ERE foi uma tentativa de superar uma lacuna no ensino, sem refletir sobre a situação socioeconômica do Brasil. Esse fato foi amplamente abordado pelo participante 6 da pesquisa:

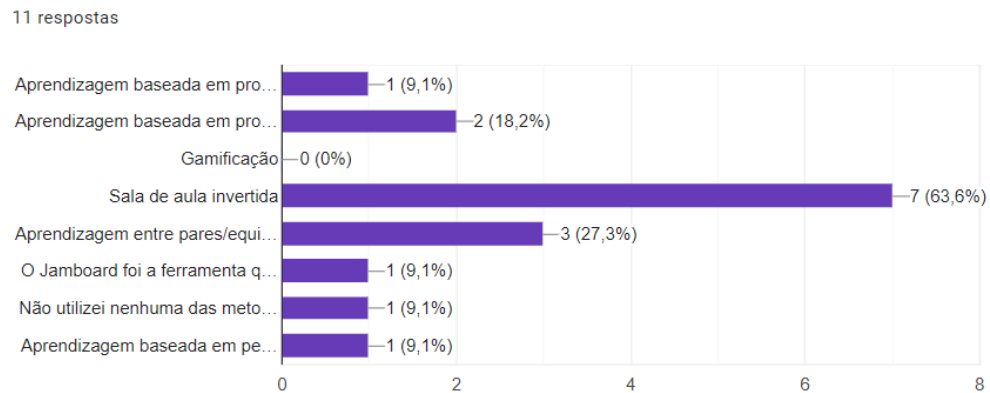
Participante 6: “Poderia ser melhor, no entanto, houve uma dificuldade para a participação dos estudantes que foi agravada pela pandemia. Alguns estudantes não possuíam dispositivos tecnológicos para acessar adequadamente a sala de aula virtual, outros por questões pessoais como estarem trabalhando no horário da aula, ou cuidando dos filhos e/ou pessoas idosas ou com alguma dependência.”

A falta de capacitação dos professores, para essa modalidade de ensino, ou a falta de experiência docente, pode ter agravado a qualidade de ensino, devido as dificuldades encontradas (Castro & Fleith, 2008). Além disso, o conteúdo exigido em um ano letivo regular não foi alterado no ERE, mesmo ocorrendo a redução da carga horária. Esse fato é claramente esclarecido pelo participante 8 e contempla os demais participantes:

Participante 8: “Em minha breve experiência como docente, percebi que a qualidade do ensino no modelo ERE foi bastante ruim. Entendo que essa pouca eficiência esteja atrelada ao fato de a implantação ser emergencial mesmo, e dessa forma, os professores não tiveram tempo, preparo e não receberam capacitação para lidar com metodologias ativas e até mesmo para fazer uso de todo o potencial dos recursos tecnológicos. Somado a isso, a matriz curricular se manteve a mesma do ensino presencial, e a carga horária foi reduzida. Além disso, poucos estudantes conseguiram aderir ao ERE por diversos motivos, e, quando participaram, não foi de forma assídua.”

É possível observar nas respostas dos participantes a insatisfação sobre a modalidade de ERE, sendo considerado por eles um ensino ruim, frente as justificativas apresentadas anteriormente. Sendo assim, uma melhor atenção poderia ser dada sobre o uso de diferentes formas de ensino e suas abordagens, mesmo todos os participantes

afirmando que tiveram contato com essas metodologias durante o seus respectivos cursos. Na pesquisa foi perguntado qual das metodologias ativas foi utilizada durante o ERE, Figura 8, a maior parte dos professores em formação, 63,6%, utilizaram a sala de aula invertida.



* Aprendizagem baseada em projeto (ABP); aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem entre pares/equipes; O Jamboard foi a ferramenta que utilizei para trazer os estudantes ao protagonismo, invertendo, parcialmente, a aula, com a participação ativa e dialogada; Não utilizei nenhuma das metodologias citadas. Apenas segui as diretrizes seguidas pela escola; Aprendizagem baseada em pesquisa ou pesquisa orientada

FIGURA 8: Distribuição das respostas dos participantes sobre o tipo de metodologia ativa utilizada pelos participantes.

Nessa nova modalidade de ensino muitos professores associaram o ERE com a forma de ministrar aula da sala de aula invertida, possivelmente devido aos dois momentos de aula, o síncrono e o assíncrono, remetendo diretamente a esse tipo de metodologia ativa (Souza & Morales, 2015). Entretanto, quando aplicada da mesma forma no ERE, podemos ver que ela funcionou, mas não se obteve muito sucesso, conforme relatado pelos participantes da pesquisa, já que os estudantes tiveram que se adaptar ao ensino remoto e a uma metodologia de ensino diferente.

Para que o desenvolvimento dos momentos síncronos e assíncronos, e da metodologia ativa utilizada, os professores em formação, deveriam ter recursos

tecnológicos aptos para as atividades propostas, sendo esse fato uma problemática, já que muitos professores, assim como os estudantes, não dispunham de tecnologia ou internet adequada (Costa et al., 2021; Nascimento, 2021; Soares, 2021). A resposta foi que os recursos tecnológicos foram suficientes, sem muitos problemas enfrentados, contudo, foi relatado que havia apreensão e medo da internet falhar.

A pergunta a seguir é direcionada diretamente a este trabalho: Sobre o uso da sala de aula invertida, qual sua opinião sobre essa metodologia ativa?. As respostas para esse questionamento foram positivas em relação a essa metodologia ativa, como relatado pelos participantes abaixo:

Participante 1: "Gosto da sala de aula invertida por permitir que o estudante possa conectar-se melhor à aula e contribuir com mais qualidade em dúvidas e observações."

Participante 2: "Nem sempre funciona. Creio que a Sala de aula invertida tem seu êxito com os estudantes que de fato acessam os materiais previamente e trazem, para a aula, as discussões e dúvidas sobre o tema. Mas, na maioria dos casos, isso não acontece. O professor, então, tem que "tomar a frente" e contextualizar o conteúdo, numa provocação constante dos alunos."

Houve relato sobre o não uso da sala de aula invertida, sendo apontado um fato importante:

Participante 6: "Nunca utilizei, mas imagino que, dependendo da turma, seja algo bem interessante. No caso do estágio no CAVG seria bastante difícil, pois foram apenas 4 semanas (4 dias de aula síncrona) com adequação do conteúdo de um semestre inteiro. Muito corrido!!"

Essa resposta é importante, uma vez que é algo novo aos estudantes, quando se deparam com essa nova forma de ensino, necessitando sair zona de conforto. Com isso, o professor em formação deve observar essas características da turma, e assim, implementar a melhor forma de ensino.

A opinião dos participantes sobre o uso da sala de aula invertida foi positiva para maioria dos participantes, correspondendo a 5 pessoas, como apresentado na Figura 9.

Dois participantes entenderam como um boa experiência, o restante das respostas se dividiu em regular e ruim.

9 respostas

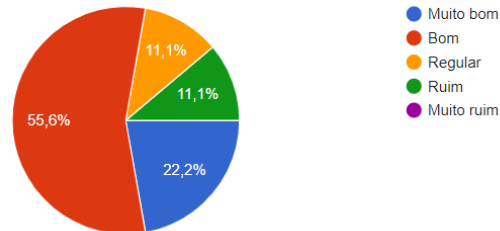


Figura 9: Qual a experiência com a Sala de aula invertida no Ensino Remoto Emergencial

Os participantes relataram a sua experiência com o ERE e a Sala de Aula Invertida, como apresentado a seguir alguns relatos:

Participante 1: *“Como comentado anteriormente, quando os estudantes acessam os conteúdos assíncronos, a metodologia é excelente e permite muitos debates e uma experiência de sala de aula muito satisfatória. Uma aluna comentou que sempre se sentia “atenada” nas aulas, mesmo que precisasse faltar por causa do trabalho. Quando os estudantes não acessam os conteúdos, pode ser complicado para estes acompanharem a aula. É, também, necessário que o professor escolha muito bem os conteúdos para que possam ser acessíveis e relevantes para a discussão em aula.”*

Participante 11: *“Em uma aula foi uma experiência muito boa pois os estudantes participaram trazendo exemplos para começarmos a discutir o conteúdo. Em um outro dia a experiência não foi tão boa devia a ter poucos estudantes na turma, e apenas um estar presente e este por sua vez não ter assistido a aula anterior e nem ter apresentado exemplos para a realização da aula. Foi preciso partir para um plano B.”*

Conectar o conteúdo com o cotidiano dos estudantes facilita o entendimento da aula, permitindo que eles tenham uma aplicação mais prática (Freire, 1974). Além disso, como relatado por um dos participantes a importância e o objetivo da sala de aula

invertida, que é colocar o estudante em evidência, propiciando as devidas ferramentas para esse processo:

Participante 8: *“Acho que em teoria, a sala de aula invertida é uma metodologia bastante útil e eficaz para o processo de ensino e aprendizagem. Acho interessante o estudante assumir uma postura de protagonista do processo de aprendizagem. Na prática, para que funcione de maneira satisfatória, acredito que o material/atividade deve ser pensado para chamar a atenção do estudante para que consequentemente seu envolvimento na tarefa ocorra.”*

Como já relatado nesse trabalho, o sucesso da Sala de Aula invertida depende da turma que essa prática está sendo implementada, sendo possível ver nos relatos, as ótimas experiências dos professores. Contudo, o insucesso e a frustração podem acontecer, quando os objetivos planejados não são atendidos. Alguns relatos contrários a prática foram relatados, juntamente com alguns sucessos:

Participante 1: *“Quando os estudantes acessam os conteúdos assíncronos, a metodologia é excelente e permite muitos debates e uma experiência de sala de aula muito satisfatória.”*

Participante 2: *“As dificuldades encontradas na tentativa de "inverter" a sala se mostraram no não acesso prévio por parte dos estudantes, os quais esperavam, em aula, pela explicação ou direcionamento do conteúdo. No entanto, nos momentos de uso do Jamboard, onde os estudantes eram os protagonistas, as aulas rendiam e o conteúdo era melhor "degustado" pela turma.”*

“Nem sempre funciona. Creio que a Sala de aula invertida tem seu êxito com os estudantes que de fato acessam os materiais previamente e trazem, para a aula, as discussões e dúvidas sobre o tema. Mas, na maioria dos casos, isso não acontece. O professor, então, tem que "tomar a frente" e contextualizar o conteúdo, numa provocação constante dos alunos.”

Participante 8: *“Utilizei sala de aula invertida no ensino remoto e fiquei bastante insatisfeita com o resultado. No meu caso, funcionou da seguinte forma: o material era preparado em textos e alguns vídeos no youtube eram selecionados para falar sobre a temática. Os textos, quando possível, eram objetivos. Porém, a demanda de conteúdo era imensa e, nesse caso, o material ficava mais longo (e cansativo). O material era postado na plataforma e na sequência havia um encontro síncrono onde as temáticas eram discutidas e revisadas. A participação dos estudantes no momento síncrono era mínima. A maioria não acessava o*

encontro e só debatia sobre o assunto quando era questionado sobre isso. Houveram poucas discussões profundas sobre o tema, e, muitas vezes, não havia alunos presentes na reunião para que houvesse a discussão.”

O ambiente de estudo dos estudantes também contribui para o funcionamento da sala de aula invertida, sendo crucial um ambiente tranquilo para realizar as atividades, como abordado anteriormente no texto e pelos participantes da pesquisa:

Participante 8: “[...]Essa baixa participação dos estudantes pode ter muitas explicações, muitos não tiveram acesso à plataforma para acessar o material, outros não estavam em um ambiente confortável para abrir o microfone e debater sobre as temáticas, outros não debatiam pois tinham vergonha. Acho que o excesso de conteúdo, muitos deles bastante desconectados, podem ter contribuído para que não ocorresse a aplicação dessa metodologia de forma satisfatória.”

Participante 9: “ [...] Além disso, muitos estudantes não conseguiam acessar o encontro síncrono, seja por não ter acesso à internet, não terem smartphone ou computador, por viverem em um ambiente com barulho, o que dificultava prestar atenção e interagir no momento síncrono, enfim, vários fatores que contribuíram para o insucesso da aplicação dessa metodologia ativa.”

Dois dos relatos mereceram uma devida atenção, devido a visão dos participantes sobre a falta de interesse dos estudantes. Esses relatos contribuíram para demonstrar a importância de refletir sobre sua prática docente, e também sobre a forma que o conteúdo é apresentado aos estudantes. Por isso, o uso de um questionário diagnóstico e a observação da turma permite que o professor conheça o interesse dos estudantes, além de possibilitar que o professor explore diferentes abordagens. Conforme relatado:

Participante 6: “Não utilizei. Essa metodologia requer uma proximidade maior (seja virtual ou presencial) para a realização dos estudos com a troca de ideias entre os estudantes e professores. Muitas vezes, o estudante não vai ler ou ver o material disponibilizado para os estudos prévios, e nessa turma do estágio, a maioria estava trabalhando, o que dificulta bastante a vida de estudante.”

Participante 9: “Vejo esse insucesso por vários motivos: o material não era atrativo aos estudantes, o conteúdo era imenso e desconectado entre si, a maioria dos estudantes

estavam muito distantes da escola, não se comprometendo com o processo de aprendizagem. [...]”

Outro comentário demonstra o professor em formação se colocando na posição de estudante:

Participante 2: “Eu não conseguia cobrar dos estudantes essa apropriação prévia do conteúdo, pelo tempo que tinham, pela sobrecarga de disciplinas. Talvez, por também ser aluno, eu tenha desenvolvido, assim como os demais colegas da Formação Pedagógica, essa empatia..”

Para complementar as respostas, foi perguntado qual as dificuldades encontradas no ERE, frente a todas adversidades, no qual pode-se ver nos relatos as mais distintas dificuldades e apreensões:

Participante 1: “A instabilidade e incerteza de conexão, tanto entre pessoas, como a própria rede de Internet. Não conhecer os rostos de minhas alunas, não ter conversado com estas fora das plataformas.”

Participante 2: “Acredito que minha ansiedade em lidar com uma turma que PRECISAVA aprender, mesmo em situação caótica. A falta de recurso por parte de alguns estudantes também angustiava. As surpresas, próprias desse momento “à distância”, aumentavam a euforia e a busca pelo “êxito” no ato de lecionar.[...]”

Foram destacadas, pelos participantes, como dificuldades encontradas, a ausência dos estudantes, falta de interação nas aulas síncronas e dificuldades na adaptação das tecnologias. Além disso, foi relatado que a experiência adquirida possibilitou uma visão diferentes sobre os problemas encontrados em sala de aula, como relatado:

Participante 2: “[...] Acredito que esses problemas foram sendo amenizados com o passar do tempo, pela experiência que adquirimos.”

Participante 8: “[...] A participação dos estudantes no momento síncrono era mínima. A maioria não acessava o encontro e só debatía sobre o assunto quando era questionado sobre isso. Houveram poucas discussões profundas sobre o tema, e, muitas vezes, não havia alunos presentes na reunião para que houvesse a discussão.”

“Vejo esse insucesso por vários motivos: o material não era atrativo aos estudantes, o conteúdo era imenso e desconectado entre si, a maioria dos estudantes estavam muito distantes da escola, não se comprometendo com o processo de aprendizagem. “

Participante 9: “Além disso, muitos estudantes não conseguiam acessar o encontro síncrono, seja por não ter acesso à internet, não terem smartphone ou computador, por viverem em um ambiente com barulho, o que dificultava prestar atenção e interagir no momento síncrono, enfim, vários fatores que contribuíram para o insucesso da aplicação dessa metodologia ativa.”

Esse último relato demonstra a necessidade de propor aos professores diferentes práticas durante o curso, juntamente com problemas que eles podem enfrentar, discutindo possíveis soluções e formas de abordagens, sendo imprescindível para não desestimular os professores em formação. Para isso, os professores dos cursos devem estar disponíveis quando os professores em formação necessitam de ajuda ou uma opinião sobre o desenvolvimento da sua prática docente. Dessa forma, foi perguntando se os participantes receberam ajuda dos professores dos cursos de licenciaturas, sendo que a resposta foi sim para 10 dos 11 participantes. As respostas sobre esse questionamento foram, em sua grande maioria, positivas, como relatado a seguir por alguns participantes:

Participante 1: “As dificuldades foram comentadas na disciplina de ADO, mas não senti exatamente dificuldades a ponto de pedir ajuda aos professores.”

Participante 4: “Sempre houve apoio em resolver os problemas.”

Participante 5: “Sim, ainda que tenha precisado de pouco auxílio, quando o mesmo foi necessário, sempre pude contar com os professores.”

O auxílio e a segurança que os docentes dos cursos podem passar para os professores em formação é essencial para que eles tenham confiança para ministrar as aulas, principalmente nesse momento que foi atípico. As ideias e sugestões para

melhorar as aulas são sempre necessárias, onde os professores em formação devem ser ouvidos, sobre dificuldades, angustias e incertezas.

Esse cuidado é necessário, já que um total de 9 participantes acreditam que o ensino remoto existirá depois da pandemia. Com isso, foi perguntando quais as sugestões para o curso FPGNL e para o programa RP pra melhorar a abordagem de metodologias ativas, com isso tem abaixo o relato que representa a ideia dos participantes:

Participante 1: “Acredito que, por ser um tema recente, ainda está conquistando o seu espaço na matriz curricular do curso. É importante que essa necessidade não seja ignorada, visto que como professores em formação, é necessário que o curso esteja sintonizado com as tecnologias e metodologias que estão surgindo.”

O ERE, no ano de 2022, não é mais uma opção de ensino, porém poderá ter seu retorno em outros momentos excepcionais. Além disso, como comentado, pelo participante 1, os cursos devem estar sempre atentos as novas tecnologias e metodologias, o qual deveria ser dado um maior enfoque nos cursos, principalmente na parte prática, fazendo com que os professores em formação de sintam mais seguros.

Outro relato que merece atenção na discussão, feita pelo participante 2, é a abordagem do ensino remoto como uma excelente alternativa para estudantes que não tem acesso ou dificuldade em ir para as instituições de ensino, porém se deve ter maior cuidado com essa modalidade, como relatado abaixo:

Participante 2: “Acredito que algumas instituições de ensino tentarão manter, em algum módulo, o ensino remoto. De certa forma, estudantes que moram longe, em difícil acesso, podem ter a oportunidade de estudar nessas condições. Porém, a relação presencial professor-estudante, ao meu ver, deve prevalecer, pois são nessas relações de troca em que a percepção sobre o processo de ensino e aprendizagem é possível. O ERE nos distancia, impondo negligências, muitas das vezes, inconscientes.”

Alguns participantes relataram que deveria se ter uma maior atenção as metodologias ativas, principalmente por meio de prática, como relatado abaixo

Participante 6: *“Inserir mais práticas relacionadas às metodologias ativas, pois na realidade, por meio do curso ainda não conhecemos nenhuma.”*

Participante 10: *“Ter uma disciplina direcionada para oficinas de metodologias ativas.”*

Participante 11: *“Ofertar cursos de atualização para os docentes.”*

4. CONCLUSÃO

O estudo permitiu avaliar a visão de alguns professores em formação, do curso de FPGNL e de Licenciatura em Química, Biologia e Física, sobre o ERE e sobre o uso de metodologias ativas, focado na sala de aula invertida. Essa modalidade de ensino foi implementado de forma muito rápida, devido ao caráter emergencial refletindo diretamente nos professores em formação. Esse fato é observado nos relatos, onde houveram algumas frustrações, como, por exemplo, os estudantes não participarem das aulas ou não acessarem o material disponibilizado, dificultando a inversão da sala de aula e as discussões sobre o assunto proposto. Dessa forma, deve haver mais discussões nos cursos de formação de professores sobre o uso de diferentes metodologias de ensino. Para contornar esse inconveniente, poderiam ser realizadas mais atividades práticas, com problemas reais que acontecem em sala de aula. Essas discussões permitem que os professores em formação tenham ferramentas, principalmente de observação, conseguindo entender os objetivos de cada estudante. Além disso, refletir sobre sua prática docente é fundamental para o desenvolvimento dos professores, visualizando o estudante com o material disponibilizado, suas possíveis dificuldades e frustrações.

O uso de metodologias ativas são ferramentas importantes, merecendo destaque nos cursos de formação de professores, permitindo que os futuros docentes se sintam aptos a utilizar esses recursos pedagógicos. Como o caso da sala de aula invertida, que apresenta diversas vantagens, porém quando não explorada de forma adequada, pode se tornar cansativa e distanciar os estudantes. Além disso, deve haver paciência quando se implementa novas formas de estudo, pois os estudantes também precisam se adaptar,

sair da zona de conforto. Por isso a experiência de estágio docente não pode ser uma experiência aterrorizante, pelos insucessos do percurso, mas um aprendizado para lidar com as adversidades.

Outro ponto, e principal, são os estudantes, centro dessa metodologia de ensino, que necessitam de extrema atenção e cuidado, uma vez que a discussão sem sala de aula irá partir do conhecimento prévio que eles adquiriram. No entanto, no momento pandêmico, que ocorreu a implementação do ERE, as casas se tornaram sala de aula, a família passou a acompanhar as aulas, o que pode ter gerado muito desconforto e desatenção dos estudantes. Muitos estudantes não dispunham de local apropriado para estudo, seja para assistir as aulas ou apoiar o material de estudo, tendo que dividir o espaço com os demais familiares, com uma internet de má qualidade, muitas vezes dividindo os equipamentos tecnológicos com outras pessoas, entre outras dificuldades. A partir desse possível cenário socioeconômico, os professores em formação adequaram a sua prática, buscando englobar todos os estudantes no processo de ensino e aprendizagem, dentro de cada dificuldade encontrada, vencendo dessa forma a barreira da desigualdade. Uma tarefa complexa, visando a pouca experiência de alguns professores em formação. Por isso, diante desse cenário, ferramentas diagnósticas são necessárias, uma vez que possibilita ter um panorama da turma, sobre o andamento das aulas e os materiais disponibilizados.

Sendo assim os cursos de formação de professores necessitam discutir sobre o uso de diferentes metodologias de ensino, necessárias para gerar autonomia e segurança em sua prática docente. Além disso, uma discussão mais objetiva sobre a reflexão docente é necessária, que pode ser explorado dentro de cada metodologia de ensino. O professor em formação deve ser capaz de observar as motivações dos estudantes, e quais ferramentas ele tem disponível para compreender as estratégias de ensino que ele irá usar no processo de ensino e aprendizagem, aprimorando sua prática docente. Uma vez que, os estudantes devem ter envolvimento direto, participativo e reflexivo. Com isso, é fundamental o preparo dos professores em formação para essas adversidades que podem ocorrer sem aviso prévio. Para isso, deve se ter uma busca constante sobre novos

recursos tecnológicos e ferramentas de ensino, que auxiliam de forma efetiva o processo de ensino e aprendizagem.

5. REFERENCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias Ativas para Uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Técnico-Prática**. Editora Penso, Porto Alegre, 430 p., 2018.

BARDIN, L. **ANÁLISE DE CONTEÚDO**. SP: EDIÇÕES 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**.

BUENO, M. B. T.; RODRIGUES, E. R.; MOREIRA, M. I. G. O Modelo da Sala de Aula Invertida: Uma estratégia ativa para o ensino presencial e remoto. **Revista Educar Mais**, v. 5, p. 662-684, 2021.

CASTRO, J. R. S.; FLEITH, D. S. Criatividade Escolar: Relação Entre Tempo de Experiência Docente e Tipo de Escola. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 12, p. 101-118, 2008.

COSTA, J. A.; MACHADO, D. C. P.; COSTA, T. A.; ARAÚJO, F. C.; NUNES, J. C.; COSTA, H. T. S. Dificuldades Enfrentadas Durante o Ensino Remoto. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 1, p. 80-95, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

HOSSAIN, M. P.; JUNUS, A.; ZHU, X.; JIA, P.; WEN, T.; PFEIFFER, D.; YUAN, H. The effects of border control and quarantine measures on the spread of COVID-19. **Epidemics**, v. 32, 100397, 2020.

MARTINS, E. R.; GOUVEIA, L. M. B.; AFONSECA, U. R.; GERALDES, W. B. Comparação entre o modelo da sala de aula invertida e o modelo tradicional no ensino de matemática na perspectiva dos aprendizes. **Experiências em Ensino de Ciências**, v.14, p. 522-530, 2019.

MORAES, H. L.; NASCIMENTO, S. M.; FARIAS, M. A. F.; SANTOS JÚNIOR, G. P. De Ensino Presencial para o Remoto Emergencial: Adaptações, desafios e impactos na pós-graduação. **Revista Interfaces Científicas**, v. 10, p. 180-193, 2020.

- MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. Metodologias ativas para uma educação inovadora uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre, v.1, p.37-77, 2018.
- MURALIDAR, S.; AMBI, S. V.; SEKARAN, S.; KRISHNAN, U. M. The emergence of COVID-19 as a global pandemic: Understanding the epidemiology, immune response and potential therapeutic targets of SARS-CoV-2. **Biochimie**, v. 179, p. 85-100, 2020.
- NASCIMENTO, F. L. Ensino Remoto: O Uso do Google Meet na Pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (Boca)**, v. 7, p. 1-21, 2021.
- NOVAES, M. A. B.; SILVA, E. S.; COSTA, M. K. R.; AMORIM, P. A.; MACHADO, F. L. M.; MACHADO, A. M. M. R.; MOURA, J. S.; PAIVA, C. R. B.; MARTINS, I. S.; PAULINO, F. G. O.; ARAÚJO, M. N.; MEDEIROS, J. L.; ANDRÉ, A. S. **Research, Society and Development**, v. 10, e37710414091, 2021.
- OLIVEIRA, G.S.; MENDONÇA, J. A.; SILVA, L. D. Metodologias Ativas e TDICs Experiências no Ensino Remoto. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, p.147-160, 2021.
- SANTOS, C. S. Educação escolar no contexto de pandemia: algumas reflexões. **Gestão & Tecnologia**, v. 1, p. 44-47, 2020.
- SOARES, C. J. F. Google Meet no Ensino e na Aprendizagem da Matemática em Tempos da Pandemia da COVID-19 em uma Turma de Licenciatura de Matemática. **Boletim online de Educação Matemática**, v. 9, p. 103-121, 2021.
- SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens.** Vol. II, 2015.

QUESTIONÁRIO (ANEXO I)

- 1) Nome:
- 2) E-mail:
- 3) Idade:
- 4) Você é estudante:
 - () Curso de Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados
 - () Curso de Licenciatura em Biologia
 - () Curso de Licenciatura em Física
 - () Curso de Licenciatura em Química
 - () Outro. Especifique: _____
- 5) Considerando a sua turma de entrada no curso, em qual semestre você se encontra?
- 6) Você, enquanto estudante, participou ou participa do Programa Residência Pedagógica?
 - () Sim
 - () Não
- 7) Você possui alguma pós-graduação?
 - () Especialização
 - () Mestrado
 - () Doutorado
 - () Pós-doutorado
 - () Não possuo pós-graduação
 - () Outro. Especifique _____
- 8) Você ministra ou ministrou aulas?
 - () Sim
 - () Não
- 9) É sua primeira experiência docente?
 - () Sim
 - () Não
- 10) Se você já ministrou ou ministra aulas, cite qual instituição de ensino
- 11) Você é/foi docente em turmas de:
 - () Ensino fundamental
 - () Ensino médio
 - () Ensino técnico
 - () Ensino superior
 - () Outro: _____
- 12) Que recursos tecnológicos você utilizou para preparar as aulas:
 - () Computador
 - () Celular
 - () Tablet
 - () Outro. Especifique _____

13) De que forma você disponibiliza o material para os estudantes:

- Rede social
- E-mail
- Plataforma de ensino
- Whatsapp
- Outra. Especifique _____

14) As aulas síncronas* são ministradas de que forma:

- Google Meet
- Teams
- Zoom
- RNP
- Outra. Especifique _____

*Aula síncrona: aulas que acontecem em tempo real, ao vivo, com professores e estudantes online ao mesmo tempo em um recurso digital específico.

15) Como docente, o que você acha da qualidade do ensino no modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE) implementado pelo MEC?

- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Muito ruim

16) Comente sobre sua resposta anterior:

17) Você já tinha ouvido falar em metodologias ativas**?

- Sim
- Não

**Metodologia ativas: tem como objetivo colocar o estudante como protagonista no processo de aprendizagem, onde ele é incentivado a desenvolver e absorver o conhecimento de forma autônoma e participativa.

18) Durante o seu curso de formação você aprendeu como utilizar as metodologias ativas?

- Sim
- Não

19) Qual metodologia ativa você está utilizando no Ensino Remoto Emergencial?

- Aprendizagem baseada em projetos (ABP)
- Aprendizagem baseada em problemas
- Gamificação
- Sala de aula invertida
- Aprendizagem entre pares/equipes
- Outra. Especifique _____

20) O seu recurso tecnológico (computador, celular, tablete, etc) era compatível com a plataforma utilizada para as aulas síncronas e assíncronas***?

Sim

Não

*** Aula assíncrona: momento que são disponibilizados aos estudantes o material de estudo, podendo ser textos vídeos, áudios, vídeos, entre outros. Tem por objetivo contextualizar e situar o estudante sobre o conteúdo que será discutido na aula síncrona.

21) Comente sobre sua resposta anterior

22) Sobre o uso do uso da Sala de aula invertida[†], qual sua opinião sobre essa metodologia ativa?

[†]Sala de aula invertida: nessa metodologia ativa o conteúdo é disponibilizado aos estudantes no momento assíncrono[†]. No momento de aula síncrona, o estudante já está contextualizado sobre o conteúdo, o professor utiliza o tempo de aula para fazer reflexões e debates sobre o material disponibilizado anteriormente.

23) Caso você tenha utilizado a Sala de aula invertida no Ensino Remoto Emergencial, qual sua opinião sobre essa metodologia?

Muito bom

Bom

Regular

Ruim

Muito ruim

24) Comente sobre sua resposta anterior

25) Caso você tenha utilizado a Sala de aula invertida no Ensino Remoto Emergencial, faça um breve relato sobre sua experiência mostrando as dificuldades e sucessos.

26) Quais foram as principais dificuldades encontradas por você ministrando aulas no Ensino Remoto Emergencial?

27) Quando surgiram dificuldades na sua docência você recebeu ajuda dos professores do Curso de Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados/ Curso de Licenciaturas/Programa Residência Pedagógica?

Sim

Não

28) Caso você tenha utilizado a Sala de aula invertida no Ensino Remoto Emergencial, faça um breve relato sobre sua experiência mostrando as dificuldades e sucessos.

29) Você acha que após a pandemia ainda existirá a modalidade de ensino remoto?

Sim

Não

30) Quais suas sugestões para o curso/programa melhorar o ensino de recurso digitais?

RESPOSTAS PERGUNTAS DISSERTATIVAS (ANEXO II)

1) Pergunta: Como docente, o que você acha da qualidade do ensino no modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE) implementado pelo MEC? Comente sobre sua resposta:

Participante 1: Não estou muito segura ao opinar a respeito. Acredito que o modelo de ensino remoto foi uma solução rápida para uma emergência, mas tenho dúvidas sobre os impactos que esse modelo causará nos processos de ensino-aprendizagem.

Participante 2: O ERE traz uma grande incerteza, pelo fato de serem muitas as nuances que atravessam os alunos e os professores. A distância física pode ser um grande obstáculo no processo de ensino e aprendizagem. Os estudantes estão "passando" sem, talvez, terem a dimensão necessária dos contextos e conteúdos próprios das disciplinas. Contudo, o ERE foi a melhor forma possível de seguir em frente, porém desconsiderando as desigualdades, dificuldades de acesso à tecnologia e demais demandas dos estudantes.

Participante 3: Os/as estudantes ficam mais dispersos, difícil interação, problemas com infraestrutura/internet.

Participante 4: Nem todos tem acesso a tecnologia necessária

Participante 5: É muito difícil se utilizar de uma justificativa geral pois, penso exatamente que, cada escola deveria ter tido a oportunidade e/ou possibilidade de adequar o ERE de acordo com suas especificidades. Não nesse formato 'padrão' que ocorreu.

Participante 6: Poderia ser melhor, no entanto, houve uma dificuldade para a participação dos estudantes que foi agravada pela pandemia. Alguns estudantes não possuíam dispositivos tecnológicos para acessar adequadamente a sala de aula virtual, outros por questões pessoais como estarem trabalhando no horário da aula, ou cuidando dos filhos e/ou pessoas idosas ou com alguma dependência.

Participante 7: As aulas e conteúdos foram expostos da melhor maneira possível para aquele momento.

Participante 8: Em minha breve experiência como docente, percebi que a qualidade do ensino no modelo ERE foi bastante ruim. Entendo que essa pouca eficiência esteja atrelada ao fato de a implantação ser emergencial mesmo, e dessa forma, os professores não tiveram tempo, preparo e não receberam capacitação para lidar com metodologias ativas e até mesmo para fazer uso de todo o potencial dos recursos tecnológicos. Somado a isso, a matriz curricular se manteve a mesma do ensino presencial, e a carga horária foi reduzida. Além disso, poucos estudantes conseguiram aderir ao ERE por diversos motivos, e, quando participaram, não foi de forma assídua.

Participante 9: Não gosto de utilizar tecnologia digital, sou uma professora tradicional

Participante 10: Dentro do contexto pandêmico acho que atendeu a necessidade de dar continuidade no ensino para que não houvesse um prejuízo maior. Mas é claro que não se compara ao presencial.

Participante 11: Acho q é necessario o mec disponibilizar mais cursos..ferramentas para os docentes

2) O seu recurso tecnológico (computador, celular, tablet, etc) era compatível com a plataforma utilizada para as aulas síncronas e assíncronas? Comente sobre sua resposta.

Participante 1: Gostei de usar o Meet tanto no celular quanto no computador, mas não gosto de usar o RNP. As aulas que observei utilizavam o RNP por ser a melhor plataforma para acessibilidade em LIBRAS, por possuir uma estudante que necessitava desse recurso, mas não achei esta plataforma acessível para o celular, que era o meio que as estudantes mais utilizavam para assistir às aulas.

Participante 2: O notebook e o acesso à internet de qualidade davam conta do Moodle, Jamboard etc.

Participante 4: Houveram poucos problemas de comunicação

Participante 5: Os meus recursos tecnológicos são compatíveis com todas as plataformas que precisei utilizar ao longo do período de ensino remoto.

Participante 6: Com relação aos dispositivos tecnológicos tudo correu bem, no entanto, muitas vezes, a apreensão era o momento síncrono, às vezes ocorria de ficar sem internet.

Participante 7: As aulas poderiam ser acessadas por vários tipos de dispositivos.

Participante 10: Sim, disponibilizadas na plataforma moodle,pois os estudantes necessitam desse material para poderem acompanhar os conteúdos que serão tratados no momento da aula sincronia.

Participante 11: Nunca tive problemas para utilizar as plataformas de ensino

3) Sobre o uso do uso da Sala de aula invertida, qual sua opinião sobre essa metodologia ativa?

Participante 1: Gosto da sala de aula invertida por permitir que o estudante possa conectar-se melhor à aula e contribuir com mais qualidade em dúvidas e observações.

Participante 2: Nem sempre funciona. Creio que a Sala de aula invertida tem seu êxito com os estudantes que de fato acessam os materiais previamente e trazem, para a aula, as discussões e dúvidas sobre o tema. Mas, na maioria dos casos, isso não

acontece. O professor, então, tem que "tomar a frente" e contextualizar o conteúdo, numa provocação constante dos alunos.

Participante 3: Boa para que a aula tenha mais interação, uma vez que os/as discentes acessem o material disponibilizado e/ou realizem as atividades solicitadas para que no encontro possa fluir uma interação de maior qualidade referente ao assunto abordado.

Participante 4: Ótima

Participante 5: Acredito que seja uma alternativa bastante interessante, mas, há de se levar em conta o contexto da escola a ser aplicado.

Participante 6: Nunca utilizei, mas imagino que, dependendo da turma, seja algo bem interessante. No caso do estágio no CAVG seria bastante difícil, pois foram apenas 4 semanas (4 dias de aula síncrona) com adequação do conteúdo de um semestre inteiro. Muito corrido!!

Participante 7: Auxilia na interação. O aluno tem acesso ao conteúdo, se familiariza com ele e debate com o professor e colegas.

Participante 8: Acho que em teoria, a sala de aula invertida é uma metodologia bastante útil e eficaz para o processo de ensino e aprendizagem. Acho interessante o estudante assumir uma postura de protagonista do processo de aprendizagem. Na prática, para que funcione de maneira satisfatória, acredito que o material/atividade deve ser pensado para chamar a atenção do estudante para que conseqüentemente seu envolvimento na tarefa ocorra.

Participante 9: Se os alunos levarem a sério é bem interessante, pois eles estudam antes e trazem as dúvidas

Participante 10: É bem interessante, pois faz o estudante pensar sobre o conteúdo da disciplina, mas as vezes é muito difícil implementar, vai depender da disciplina e turma.

Participante 11: Muito bom!

4) Caso você tenha utilizado a Sala de aula invertida no Ensino Remoto Emergencial, qual sua opinião sobre essa metodologia? Comente sobre sua resposta.

Participante 1: Quando os estudantes acessam os conteúdos assíncronos, a metodologia é excelente e permite muitos debates e uma experiência de sala de aula muito satisfatória.

Participante 2: Eu não conseguia cobrar dos estudantes essa apropriação prévia do conteúdo, pelo tempo que tinham, pela sobrecarga de disciplinas. Talvez, por também ser aluno, eu tenha desenvolvido, assim como os demais colegas da Formação Pedagógica, essa empatia.

Participante 3: Bom, desde que os/as estudantes acessem o material no seu devido prazo

Participante 4: Houve participação efetiva de toda turma

Participante 5: Não fiz uso da mesma

Participante 6: Não utilizei. Essa metodologia requer uma proximidade maior (seja virtual ou presencial) para a realização dos estudos com a troca de ideias entre os estudantes e professores. Muitas vezes, o estudante não vai ler ou ver o material disponibilizado para os estudos prévios, e nessa turma do estágio, a maioria estava trabalhando, o que dificulta bastante a vida de estudante.

Participante 7: Quando os alunos estão interessados a aprender, a sala de aula invertida tem ótimo funcionamento.

Participante 8: Como mencionei anteriormente, acho a metodologia interessante. Mas no ERE não foi aplicada de forma satisfatória na turma que ministrei aulas. Isso pode ter acontecido pelo número reduzido de estudantes nos encontros síncronos, e pela falta de comprometimento desses estudantes com a leitura do material enviado anteriormente e discussão no momento síncrono. Além do número reduzido de estudantes, esses só participavam do momento síncrono quando questionados e respondiam as perguntas de forma objetiva. Essa baixa participação dos estudantes pode ter muitas explicações, muitos não tiveram acesso à plataforma para acessar o material, outros não estavam em um ambiente confortável para abrir o microfone e debater sobre as temáticas, outros não debatiam pois tinham vergonha. Acho que o excesso de conteúdo, muitos deles bastante desconectados, podem ter contribuído para que não ocorresse a aplicação dessa metodologia de forma satisfatória.

Participante 9: Se os assuntos forem do interesse dos alunos é uma metodologia boa

Participante 10: Nem sempre é possível aplicarmos essa metodologia, principalmente quando a turma é pequena e nem todos estudantes estão presentes.

Participante 11: É uma forma dos alunos participarem mais das aulas

5) Caso você tenha utilizado a Sala de aula invertida no Ensino Remoto Emergencial, faça um breve relato sobre sua experiência mostrando as dificuldades e sucessos.

Participante 1: Como comentado anteriormente, quando os estudantes acessam os conteúdos assíncronos, a metodologia é excelente e permite muitos debates e uma experiência de sala de aula muito satisfatória. Uma aluna comentou que sempre se sentia "antenada" nas aulas, mesmo que precisasse faltar por causa do trabalho. Quando os estudantes não acessam os conteúdos, pode ser complicado para estes acompanharem

a aula. É, também, necessário que o professor escolha muito bem os conteúdos para que possam ser acessíveis e relevantes para a discussão em aula.

Participante 2: As dificuldades encontradas na tentativa de "inverter" a sala se mostraram no não acesso prévio por parte dos estudantes, os quais esperavam, em aula, pela explicação ou direcionamento do conteúdo. No entanto, nos momentos de uso do Jamboard, onde os estudantes eram os protagonistas, as aulas rendiam e o conteúdo era melhor "degustado" pela turma.

Participante 3: Tive dificuldades quando o material não era acessado e os/as estudantes acabavam não interagindo como o esperado.

Participante 4: Foi ótimo, pois as alunas já vinham com o conteúdo desbravado de alguma forma e a aula se tornava uma roda de conversa.

Participante 5: Não fiz uso da mesma

Participante 6: Não utilizei.

Participante 7: Dos 3 alunos que participavam das aulas, apenas 1 estudava o conteúdo postado na plataforma o que facilitava a sua aprendizagem, porém para os outros alunos, o retorno não era bom, pois sem o conhecimento prévio eles não tinham como debater.

Participante 8: Utilizei sala de aula invertida no ensino remoto e fiquei bastante insatisfeita com o resultado. No meu caso, funcionou da seguinte forma: o material era preparado em textos e alguns vídeos no youtube eram selecionados para falar sobre a temática. Os textos, quando possível, eram objetivos. Porém, a demanda de conteúdo era imensa e, nesse caso, o material ficava mais longo (e cansativo). O material era postado na plataforma e na sequência havia um encontro síncrono onde as temáticas eram discutidas e revisadas. A participação dos estudantes no momento síncrono era mínima. A maioria não acessava o encontro e só debatia sobre o assunto quando era questionado sobre isso. Houveram poucas discussões profundas sobre o tema, e, muitas vezes, não havia alunos presentes na reunião para que houvesse a discussão.

Participante 9: Vejo esse insucesso por vários motivos: o material não era atrativo aos estudantes, o conteúdo era imenso e desconectado entre si, a maioria dos estudantes estavam muito distantes da escola, não se comprometendo com o processo de aprendizagem. Além disso, muitos estudantes não conseguiam acessar o encontro síncrono, seja por não ter acesso à internet, não terem smartphone ou computador, por viverem em um ambiente com barulho, o que dificultava prestar atenção e interagir no momento síncrono, enfim, vários fatores que contribuíram para o insucesso da aplicação dessa metodologia ativa.

Participante 10: Não utilizei

Participante 11: Em uma aula foi uma experiência muito boa pois os estudantes participaram trazendo exemplos para começarmos a discutir o conteúdo. Em um outro dia a experiência não foi tão boa devia a ter poucos estudantes na turma, e apenas um

estar presente e este por sua vez não ter assistido a aula anterior e nem ter apresentado exemplos para a realização da aula. Foi preciso partir para um plano B. Não tive problemas..os próprios alunos sugeriram..gostavam muito de debater o conteúdo postado nas aulas assíncronas

6) Quais foram as principais dificuldades encontradas por você ministrando aulas no Ensino Remoto Emergencial?

Participante 1: A instabilidade e incerteza de conexão, tanto entre pessoas, como a própria rede de Internet. Não conhecer os rostos de minhas alunas, não ter conversado com estas fora das plataformas.

Participante 2: Acredito que minha ansiedade em lidar com uma turma que PRECISAVA aprender, mesmo em situação caótica. A falta de recurso por parte de alguns estudantes também angustiava. As surpresas, próprias desse momento "à distância", aumentavam a euforia e a busca pelo "êxito" no ato de lecionar. Acredito que esses problemas foram sendo amenizados com o passar do tempo, pela experiência que adquirimos.

Participante 3: Produção de vídeo-aulas para os momentos assíncronos e a falta de interação por parte dos estudantes.

Participante 4: Adaptação com as tecnologias

Participante 5: Ao longo do RP, a falta de participação por parte da minha turma, já 'conhecida' por ser formada por alunos que não interagiam e nem participavam das atividades propostas.

Participante 6: A maioria dos estudantes não utiliza o material disponibilizado para os estudos, seja vídeos, folders, slides ou PDF.

Participante 7: Presença dos alunos

Participante 8: As principais dificuldades que encontrei foram o excesso de conteúdo para ser vencido em pouca carga horária e a falta de participação dos estudantes nas atividades propostas.

Participante 9: Não houveram

Participante 10: Problemas de instabilidade com a internet dos estudantes.

Participante 11: As vezes com chuva .problemas na internet

7) Quando surgiram dificuldades no período letivo você recebeu ajuda dos professores do Curso de Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados/ Curso de Licenciaturas/Programa Residência Pedagógica? Comente sobre sua resposta anterior.

Participante 1: As dificuldades foram comentadas na disciplina de ADO, mas não senti exatamente dificuldades a ponto de pedir ajuda aos professores.

Participante 2: Tivemos amparo dos docentes do curso de Formação Pedagógica. Contudo, o ERE trouxe novidade para todos (discentes e docentes). Portanto, acredito que em certa medida aprendemos juntos.

Participante 3: Recebi dicas, conselhos, sugestões de abordagens diferentes.

Participante 4: Sempre houve apoio em resolver os problemas

Participante 5: Sim, ainda que tenha precisado de pouco auxílio, quando o mesmo foi necessário, sempre pude contar com os professores.

Participante 6: Muito pouco... e para alguma questão bem pontual.

Participante 7: Tínhamos um professor tutor para auxílio quando necessário.

Participante 8: Sempre pude contar com a ajuda dos meus professores do curso e da preceptora do programa. Porém, entendo que diante das dificuldades que encontrei, não havia muito o que ser feito por eles.

Participante 9: Toda vez que solicitados os professores ajudam

Participante 10: Os professores se disponibilizaram para ajudar sempre que tivesse dúvidas para a implementação das aulas

Participante 11: Sempre tive apoio das profas via whats..via email

8) Quais suas sugestões para o curso/programa melhorar a abordagem sobre metodologias ativas?

Participante 1: Acredito que, por ser um tema recente, ainda está conquistando o seu espaço na matriz curricular do curso. É importante que essa necessidade não seja ignorada, visto que como professores em formação, é necessário que o curso esteja sintonizado com as tecnologias e metodologias que estão surgindo.

Participante 2: Acredito que algumas instituições de ensino tentarão manter, em algum módulo, o ensino remoto. De certa forma, estudantes que moram longe, em difícil acesso, podem ter a oportunidade de estudar nessas condições. Porém, a relação presencial professor-estudante, ao meu ver, deve prevalecer, pois são nessas relações de troca em que a percepção sobre o processo de ensino e aprendizagem é possível. O ERE nos distancia, impondo negligências, muitas das vezes, inconscientes.

Participante 4: Nada a opinar. O ensino remoto atrapalha o ensino destas ferramentas.

Participante 5: Acredito que, este é um tema que poderia/deveria ser inserido em alguma disciplina da graduação, visto que, pode se tornar uma ótima ferramenta em sala de aula.

Participante 6: Inserir mais práticas relacionadas às metodologias ativas, pois na realidade, por meio do curso ainda não conhecemos nenhuma.

Participante 7: Mostrar aos alunos os benefícios dessa metodologia para que os mesmos consigam auxiliar no bom funcionamento do processo de ensino aprendizagem.

Participante 10: Ter uma disciplina direcionada para oficinas de metodologias ativas.

Participante 11: Ofertar cursos de atualização para os docentes